FUNDAÇÃO DE APOIO AO IFRN

Concurso Público da Prefeitura Municipal de Equador

EDITAL Nº 02/2026

EQUADOR

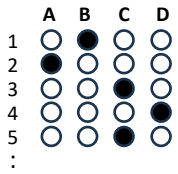
Trabalhando cada vez mais!

Caderno de Provas

CPE 03-NS	PROFESSOR ESPECIALISTA LÍNGUA PORTUGUESA
Edital Nº. 02/2026 – Concurso Público do Município de Equador/RN	**Data: ____/____/____**

INSTRUÇÕES GERAIS PARA A REALIZAÇÃO DA PROVA

- ☑ Use apenas caneta esferográfica transparente de tinta azul ou preta.
- ☑ Escreva a data, a sua assinatura e o seu número de inscrição no espaço indicado nesta capa.
- ☑ A prova terá duração máxima de 3 (três) horas, incluindo o tempo para responder a todas as questões do **Caderno de Provas** e preencher a **Folha de Respostas**.
- ☑ Antes de retirar-se definitivamente da sala de provas, entregue a **Folha de Respostas** e o **Caderno de Provas** ao fiscal.
- ☑ Em momento algum a pessoa candidata poderá se retirar definitivamente da sala de provas com o **Caderno de Provas**.
- ☑ Este **Caderno de Provas** contém, respectivamente, 5 (cinco) questões de Didática e 25 (vinte e cinco) questões de Conhecimentos Específicos.
- ☑ Se o **Caderno de Provas** contiver alguma imperfeição gráfica que impeça a leitura, comunique isso imediatamente ao Fiscal, para que seja efetuada de imediato a troca do Caderno.
- ☑ Cada questão de múltipla escolha apresenta apenas **uma** resposta correta. Para a marcação da alternativa escolhida na **Folha de Respostas**, pinte completamente o campo correspondente conforme a figura a seguir:



- ☑ Os rascunhos e as marcações feitas neste **Caderno de Provas** não serão considerados para efeito de avaliação.
- ☑ Interpretar as questões faz parte da avaliação; portanto, não é permitido solicitar esclarecimentos aos Fiscais.
- ☑ O preenchimento da **Folha de Respostas** é de sua inteira responsabilidade.
- ☑ A quantidade de questões objetivas e respectivas pontuações desta prova estão apresentadas a seguir:

Disciplina	***Número de questões***	***Pontos***
Didática	5 questões	20 pontos
Língua Portuguesa	25 questões	80 pontos
TOTAL DA PROVA	**30 questões**	**100 pontos**

ASSINATURA DO CANDIDATO:

NÚMERO DE INSCRIÇÃO:

_____

QUESTÕES DE MÚLTIPLA ESCOLHA – DIDÁTICA

1. Devido ao avanço tecnológico e sua inserção nas instituições educacionais, as práticas escolares, inspiradas na concepção das metodologias ativas, vêm suscitando transformações significativas, impulsionando os profissionais da educação a buscarem abordagens estimuladoras e envolventes para o ensino e a aprendizagem. Nesse contexto, a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) é considerada uma

A) estratégia de aprendizagem para ilustrar ideias e conceitos, traçando as relações de causa e efeito que existem entre elas, de forma palpável e mensurável, possibilitando planejar ações para alcançar objetivos específicos.

B) estratégia pedagógica em que os estudantes se envolvem com tarefas e desafios para resolver um problema ou desenvolver um projeto, podendo lidar com questões interdisciplinares, tomando decisões, agindo sozinhos e em equipe.

C) metodologia de aprendizagem que utiliza os problemas do dia a dia e de possíveis cenários futuros para que os estudantes discutam e proponham soluções possíveis, para um determinado problema, estimulando o pensamento analítico e crítico, a colaboração e a comunicação.

D) metodologia didático-pedagógica que tem como foco a personalização do ensino por meio de planos adaptados às necessidades de cada estudante, oferecendo-lhe opções para que eles construam sua própria trilha de aprendizagem.

2. As tendências pedagógicas representam abordagens metodológicas que direcionam a prática educativa, mediante diferentes concepções de homem e de sociedade. Historicamente, as principais tendências pedagógicas são categorizadas como liberais e progressistas. Numa perspectiva da tendência pedagógica liberal, a escola tem por função

A) transformar as relações sociais, democratizando o saber e promovendo a conscientização crítica dos estudantes.

B) questionar concretamente a realidade das relações do homem com a natureza e com os outros homens, por meio do desenvolvimento da cultura individual, visando a uma transformação social.

C) promover ações centradas na formação de atitudes e comportamentos, num processo ativo de construção e reconstrução do objeto, por meio da reflexão e da ação crítica sobre a realidade.

D) preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, conforme suas aptidões individuais, adaptando-se aos valores e às normas da sociedade, por meio do desenvolvimento da cultura individual.

3. Os objetivos de ensino orientam diretamente o processo avaliativo. Para garantir coerência entre os objetivos propostos e a avaliação, é necessário que

A) o professor elabore objetivos amplos e não mensuráveis, para que a avaliação seja flexível.

B) os critérios avaliativos sejam explícitos e estejam relacionados aos comportamentos ou às aprendizagens esperados nos objetivos.

C) a avaliação seja construída de forma flexível, sem relação direta com os objetivos, permitindo que o professor explore múltiplas possibilidades de interpretação.

D) a avaliação seja baseada, exclusivamente, no esforço do aluno, independentemente do que está descrito nos objetivos.

4. O papel do professor na organização do trabalho pedagógico inclui

A) elaborar planos de ensino que sejam exclusivamente baseados em livros didáticos.

B) priorizar atividades avaliativas como única estratégia para alcançar os objetivos educacionais.

C) seguir rigorosamente os conteúdos prescritos, independentemente das necessidades e dos contextos dos alunos.

D) participar de reuniões pedagógicas, colaborando na construção de estratégias coletivas para enfrentar desafios educacionais.

5. A Didática é uma área da pedagogia que estuda o processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, o principal objetivo da Didática é

A) auxiliar na organização do processo de ensino para que ocorra, de fato, a aprendizagem.

B) proporcionar métodos práticos para aplicação de provas e avaliações, ajudando os professores a medirem o desempenho dos alunos.

C) estabelecer um conjunto de regras rígidas para o ensino nas escolas, garantindo que todos os professores sigam as mesmas diretrizes.

D) restringir a liberdade docente, padronizando as práticas pedagógicas e limitando a sua metodologia.

QUESTÕES DE MÚLTIPLA ESCOLHA – LÍNGUA PORTUGUESA

As questões de 6 a 19 referem-se ao texto reproduzido a seguir.

Sir Galahad, IA e a educação

Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio

Há uma cena hilária e muito conhecida no filme *Em Busca do Cálice Sagrado*, do grupo Monty Python, em que dois guardas de um castelo veem Sir Galahad se aproximar à distância. Porém, toda vez que olham para o cavaleiro avançando, ele parece estar no mesmo lugar. Até que, de repente, ele atinge um dos guardas com sua espada e invade o castelo, como se tivesse aparecido do nada.

É assim que percebo a atitude de muitos professores em relação ao advento, para o grande público, dos *chats* de inteligência artificial, os modelos de linguagem de grande escala (*large language model* ou LLM), das quais ouvimos falar por todo lado. Importante dizer que me coloco aqui sob uma perspectiva específica: a de professor de filosofia em uma faculdade de educação (no caso, a FE-USP), que lida com ingressantes no curso de pedagogia e alunos de outras unidades que cursam licenciatura conosco. Em suma, estudantes interessados na profissão docente, e que são apresentados à literatura filosófica, parte da tradição teórica dos estudos em educação. Trabalhamos, portanto, com textos, e produzimos textos a partir deles.

Em outras áreas, especialmente nas ciências exatas ou aplicadas, talvez a situação seja diferente, e a chegada de Galahad esteja sendo percebida razoavelmente bem, de forma a não pegar ninguém de surpresa. No âmbito das humanidades, porém, e em especial na área de educação, isso parece não ser verdade. Muitas vezes, quando ocorre uma discussão sobre o tema, ela é marcada por trivialidades, moralismo e indignação. Afinal, como é possível que uma máquina, ou um programa, substitua o pensamento, esse atributo até então irredutivelmente humano? Como redes neuronais frias ousam ocupar o espaço da inefável capacidade criativa das pessoas? São críticas recorrentes, que não impediram, no passado, a disseminação das calculadoras, dos computadores pessoais e das redes (anti)sociais, por mais que possamos, em muitos aspectos, lamentar o mundo que criaram.

Raramente aprofundamos nossas discussões sobre os impactos da abertura do uso desses *chatbots* na forma como nossos alunos produzem seus textos, um fantasma que agora lança dúvidas sobre a "autenticidade" do material que lemos e corrigimos. As considerações, quando existem, quase sempre se dirigem à condenação de seu uso, e à invenção de meios de identificar quando ele ocorre (curiosamente, usando outras ferramentas de inteligência artificial). Afinal, um trabalho feito com auxílio de IA flertaria perigosamente com a malandragem, enganando o professor no justo instante em que se depara com o texto exemplar, cumpridor de todas as exigências de rigor e correção de linguagem. Um evidente crime de lesa-magistério. O texto áspero e com ruído passa a ser, então, a garantia precária de sua provável "humanidade".

Esse é um problema, de fato. No entanto, não é o problema de fundo. Porque ainda estamos falando de meios: o aluno produz um texto usando IA para responder a uma demanda nossa. No limite, é certo, o trabalho apresentado pode ter sido feito sem qualquer reflexão pessoal ou empenho, sem realmente ser "dele". Porém, o problema de fundo é outro: o uso generalizado das IAs, em suas diversas formas, e sua crescente ubiquidade deveriam nos fazer pensar, nós, professores (especialmente os de humanidades, que lidam com cânones e tradições literárias), no significado daquilo que pedimos aos nossos alunos, a partir do momento em que tal pedido pode ser realizado (e de forma bem melhor, se soubermos usar corretamente os *prompts*) por uma máquina. Como ficam o *paper*, o ensaio, o livro ou o capítulo "na era de sua reprodutibilidade técnica"? (Walter Benjamin tratou da reprodução da obra de arte e do simulacro; hoje, lidamos com a criação artificial de originais dotados até mesmo de *aura*.)

Por fim, ainda que nenhum aluno utilize tais recursos, e todos os trabalhos que pedimos sejam realizados a partir de livros e artigos – *IA free* – a questão permanece: se uma máquina pode fazer melhor, com mais rigor e correção, aquilo que pedimos ao aluno, não estaríamos equivocados em pedir o que pedimos? Se um programa é capaz de extrair *insights*, correlações e respostas de textos de forma mais eficaz do que um humano, qual o sentido (e não digo que ele não exista: precisa então ser esclarecido) de pedir ao aluno que o faça? (Veja-se, por exemplo, o recém-lançado Google NotebookLM, que gera tais resultados a partir do conteúdo fornecido pelo usuário e é capaz de criar um *podcas*t extremamente realista a partir desse material.) Será que temos aqui algo semelhante à exigência de não usarmos calculadoras, para preservar nossa capacidade de fazer contas de cabeça? Ou, então, à proibição do uso de celulares em sala de aula, válida nas séries iniciais, mas desde sempre superada no ensino superior? (Pois muitos alunos leem no celular os textos – digitalizados – que indicamos.)

O uso massivo das IAs desafia a maneira como entendemos a produção e avaliação do conhecimento. Responder a tais desafios de maneira reativa e moralista implica ver a banda passar. Só haverá algum espaço para

nossas concepções românticas de produção intelectual – que incidem diretamente em nosso modo de avaliá-la – com seus *insights* únicos e originais, se aprendermos a buscar essa originalidade no uso de tais ferramentas. Sua rejeição bem-intencionada, mas inócua, ou a aceitação irrefletida, mas inepta, não são opções válidas para nós, professores.

Porque, afinal, Sir Galahad vem chegando.

Disponível em: https://jornal.usp.br/. Acesso em: 25 out. 2024.

6. O texto, de forma predominante,

A) convida o leitor a uma reflexão.
B) refuta o aspecto positivo do uso da IA.
C) constrói uma visão idealista do uso da IA.
D) revela uma visão extremista sobre o problema.

7. De acordo com o texto, a questão principal a ser observada diante do cenário de onipresença da IA, na educação, é

A) o uso desonesto da ferramenta pelo aluno.
B) o tipo de atividade que se solicita ao aluno.
C) a propagação massiva do uso dessa ferramenta.
D) a superficialidade das discussões sobre a ferramenta.

8. Caracteriza a sequência dominante do texto:

A) o diálogo entre uma nova tese e uma tese anterior, por meio de dados que levam a uma conclusão.
B) a existência de situação inicial, seguida de sequência de acontecimentos que levam à situação final.
C) a ancoragem de um tema, desenvolvido por partes e propriedades, que o leva a uma reformulação.
D) o ponto de partida é um fato incontestável, problematizado e explicado, chegando-se à conclusão.

9. A estratégia linguístico-discursiva usada na construção do primeiro parágrafo exige do leitor o estabelecimento da coerência por meio, sobretudo,

A) da focalização.
B) da intertextualidade.
C) do conhecimento de mundo.
D) do conhecimento partilhado.

10. Ao se referir ao conflito no uso das IAs em outras áreas do conhecimento, em comparação às humanidades, o autor

A) é categórico na comparação por meio do uso de um substantivo.
B) é categórico na comparação por meio do uso de um advérbio.
C) modaliza a linguagem por meio do uso de um substantivo.
D) modaliza a linguagem por meio do uso de um advérbio.

11. No quinto parágrafo, o embate entre visões distintas sobre o problema em foco é explicitado pelo uso de conectores que estabelecem relação de

A) comparação e interligam períodos.
B) contraposição: o primeiro interliga parágrafos, e o segundo, períodos.
C) contraposição e interligam períodos.
D) comparação: o primeiro interliga parágrafos, e o segundo, períodos.

12. Considere o trecho reproduzido a seguir.

> [...] o problema de fundo é outro: o uso generalizado das IAs, em suas diversas formas, e sua crescente ubiquidade deveriam nos fazer pensar [...]

a palavra “Ubiquidade” está empregada como

A) adjetivo e refere-se ao aspecto devastador da IA no cenário da vida acadêmica.
B) substantivo e refere-se ao aspecto devastador da IA no cenário da vida acadêmica.
C) adjetivo e refere-se à onipresença da IA nas diferentes esferas da atividade social.
D) substantivo e refere-se à onipresença da IA nas diferentes esferas da atividade social.

13. Analise o período a seguir.

> Walter Benjamin tratou da reprodução da obra de arte e do simulacro; hoje, lidamos com a criação artificial de originais dotados até mesmo de *aura*.

a expressão “até mesmo”, nesse período, funciona como

A) operador argumentativo que indica um argumento mais forte de uma escala a favor de uma determinada conclusão.
B) preposição que não expressa valor argumentativo, uma vez que é invariável e desprovida de função sintática.
C) operador argumentativo que deixa subentendida a existência de uma escala com outros argumentos mais fortes.
D) preposição que não expressa valor argumentativo, uma vez que é invariável e estabelecedora de relação de sentido.

14. O uso de aspas, no quarto parágrafo, sinaliza que o autor

A) explora a ambiguidade provocada pelo uso das palavras destacadas no texto.
B) chama a atenção para o uso de palavras estranhas ao repertório do público leitor.
C) fez uso de palavras representativas de uma variedade incompatível com a escrita acadêmica.
D) delega ao leitor a responsabilidade de preencher, com um novo sentido, as palavras destacadas.

15. Ao planejar uma aula de leitura do texto desta prova, na perspectiva de leitura como interação, o professor deverá

A) abordar aspectos temáticos, estilísticos e composicionais do gênero em questão.
B) limitar sua análise aos aspectos como título, autor e campo discursivo de circulação.
C) explorar, exclusivamente, o tema da relação entre inteligência artificial e o cotidiano escolar.
D) restringir suas observações a marcas de subjetividade resultantes do uso da primeira pessoa.

16. Analise o período a seguir.

> Importante dizer **que [1]** me coloco aqui sob uma perspectiva específica: a de professor de filosofia em uma faculdade de educação (no caso, a FE-USP), **que [2]** lida com ingressantes no curso de pedagogia e alunos de outras unidades **que [3]** cursam licenciatura conosco.

Em relação às palavras em destaque, é correto afirmar que

A) 1, 2 e 3 introduzem orações subordinadas substantivas subjetivas.
B) 1, 2 e 3 introduzem orações subordinadas adjetivas.
C) 2 e 3 introduzem orações subordinadas adjetivas.
D) 2 e 3 introduzem orações subordinadas substantivas objetivas diretas.

17. Analise o período a seguir.

> Porém, o problema de fundo é outro: o uso generalizado das IAs, em suas diversas formas, e sua crescente ubiquidade deveriam nos fazer pensar, nós, professores (especialmente os de humanidades, **que [1]** lidam com cânones e tradições literárias), no significado daquilo **que [2]** pedimos aos nossos alunos, a partir do momento **em que [3]** tal pedido pode ser realizado (e de forma bem melhor, se soubermos usar corretamente os *prompts*) por uma máquina.

Os termos em destaque são classificados como

A) conjunções integrantes. O primeiro e o segundo exercem a de sujeito; o terceiro complemento nominal.
B) pronomes relativos. O primeiro exerce a função de sujeito; o segundo, objeto direto; e o terceiro adjunto adverbial.
C) pronome relativo, conjunção integrante e pronome relativo, respectivamente. Os três exercem a função de complemento nominal.
D) pronome relativo, pronome relativo e conjunção integrante, respectivamente. Os três exercem a função de complemento verbal.

18. Considere o trecho abaixo.

> Sua **rejeição bem-intencionada**, mas inócua, ou a aceitação **irrefletida**, mas inepta, não são opções válidas para nós, professores.

As palavras **rejeição**, **bem-intencionada** e **irrefletida** foram formadas, respectivamente, pelos processos de

A) parassíntese – prefixação – parassíntese.
B) sufixação – prefixação – derivação imprópria.
C) parassíntese – composição por justaposição – sufixação.
D) sufixação – composição por justaposição – prefixação e sufixação.

19. Leia o excerto a seguir.

> Esse é um problema, de fato. No entanto, não é o problema de fundo. Porque ainda estamos falando de meios: o aluno produz um texto usando IA para responder a uma demanda nossa.

Sobre as relações sintático-semânticas do português escrito padrão e o uso da pontuação no excerto, avalie as assertivas abaixo.

I. O segundo ponto pode ser substituído por uma vírgula, mas provocará alteração de sentido.
II. O segundo ponto é utilizado por uma motivação exclusivamente estilística.
III. A primeira vírgula não é obrigatória, por se tratar de uma expressão adverbial, mas foi utilizada a fim de proporcionar clareza à ideia.
IV. No segundo período, deveria existir uma vírgula depois do substantivo “problema” para manter o paralelismo sintático com o período anterior.
V. No terceiro período, os dois-pontos não podem ser substituídos por vírgula.

Das assertivas, estão corretas as dos itens

A) II e III.
B) II, e V.
C) IV e V.
D) I, III e IV.

As questões de 20 a 28 referem ao texto reproduzido a seguir.

O Pai, o Chefe, o Rei

VELHINHO TRABALHADOR, João bebe demais, aos gritos até hora perdida da noite.

Sóbrio é manso e de boa sombra, o chapéu humilde na mão. Com idade, fraco da cabeça, embriagase fácil; sempre a faquinha na cinta, ameaça espetar os outros. Assanhado, persegue as moças na estrada.

Em casa, olho branco de boi bêbado, atropela a mulher e os sete filhos. Muito calma, a velha não discute, ganha o terreiro com o menor no colo.

João bate a garrafa na mesa, esmurra a parede, afinal aquieta-se. Maria e os filhos vão-se chegando à porta, espiam de longe, desconfiados. A velha traz a gamela de água esperta e, enquanto ele molha os pés, serve o viradinho com torresmo.

João se diverte a azucrinar a pobre:

— Tenho outra mais moça.

Chega da roça o André, quebrou milho o dia inteiro. As crianças deitadas, a mãe come de pé ao lado do fogão, no meio da algazarra:

— Epa, vaca velha!

O moço, desafiado pelo pai, bebe meio litro de cachaça.

— Pai, deixe a mãe em paz.

— Filho meu não pode comigo.

— O senhor está bêbado, pai.

O velho nega ao filho o direito:

— Aqui não sou nada? Não mando na minha casa?

— E pra ter sossego hei de sangrar alguém?

A dona pede ao marido não grite e ao filho não responda. João insiste, um pouco alegre, mas não bêbado. O moço não pode assim falar com o pai e chefe da casa:

— Você é bandido? Quer me sangrar?

Não provoque, repete o moço, bem nervoso. Em seguida derruba a cadeira e espatifa a garrafa.

— Vai me esfolar, valentão?

André alcança na parede a espingarda. O velho desfere soco na mesa:

— Se for macho atire. — Outro murro mais forte. — Atire, que mata um homem.

O moço bate no joelho do pai, sentado no banquinho, a sombra do chapéu no olho:

— Quer provar? Mostro o que é homem.

— Filho meu não pode comigo.

André carrega um cartucho no cano direito.

— Não é macho, seu moço.

Mãos na cabeça, a velha brada por todos os santos do céu.

— Já que pede eu te mato — e André aperta o gatilho.

João cai do banquinho, geme, a mulher acuda. Pegam-no o filho e a dona, deitado na cama.

— Ele me duvidou — diz o moço — eu atirei.

— Atirou no pai, no chefe, no rei. Não é mais ninguém.

O velho dá uns gritos, logo se arruína, espuma no canto da boca. Erguendo a mão fechada, pragueja o filho, e morre.

TREVISAN, Dalton. **Guerra Conjugal**. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

20. Considerando o propósito comunicativo prioritário e as características linguísticas do texto,

A) as sequências narrativa e dialogal são dominantes.

B) as sequências narrativa e descritiva são dominantes.

C) a sequência narrativa é dominante, enquanto a descritiva e a dialogal são secundárias.

D) a sequência dialogal é dominante, enquanto a narrativa e a descritiva são secundárias.

21. Caso se deseje mudar o tempo verbal do texto, mantendo-se o propósito comunicativo inicial, deve-se flexionar os verbos no

A) pretérito imperfeito do indicativo para os momentos narrativos e, no pretérito perfeito do indicativo, para os momentos descritivos.
B) pretérito perfeito do indicativo para os momentos narrativos e, no pretérito imperfeito do indicativo, para os momentos descritivos.
C) pretérito imperfeito do indicativo para os momentos narrativos e descritivos.
D) pretérito perfeito do indicativo para os momentos narrativos e descritivos.

22. Sobre a progressão discursiva do texto, analise as assertivas a seguir.

I. A sequência inicial restringe-se aos dois primeiros parágrafos.
II. A moral/avaliação está implícita.
III. A resolução ocorre nos dois últimos parágrafos.
IV. A situação final localiza-se no último parágrafo do texto.
V. O conflito se inicia quando André é desafiado pelo pai e bebe meio litro de cachaça.

Estão corretas as assertivas

A) II e III.
B) II e V.
C) I, IV e V.
D) I, III e V.

23. Para produzir o texto, o autor escolheu um narrador que

A) revela as ações dos personagens, alternando sumário narrativo e cenas dramáticas.
B) caracteriza o cotidiano dos personagens por meio de um olhar dominantemente neutro.
C) apresenta, de forma impessoal, todos os personagens a partir de cenas dramáticas e traços comportamentais.
D) faz comentários críticos sobre o comportamento dos personagens secundários e da situação vivenciada por eles.

24. A inserção de diálogos, ao longo do texto, tem a função de

A) suspender a narração para evidenciar os pontos de vista distintos de cada um dos personagens.
B) suspender a narração para evidenciar a diferença entre a variação linguística do narrador e dos personagens.
C) deixar o ritmo da narrativa mais acelerado, aumentando o grau de tensão do conflito vivido.
D) deixar o ritmo da narrativa mais lento, aumentando o grau de tensão do conflito vivido.

25. Os substantivos pai, chefe e rei, que constituem o título, estão dispostos em uma

A) gradação ascendente e, no texto, funcionam hipônimos do termo João.
B) gradação descendente e, no texto, funcionam parônimos do termo João.
C) gradação ascendente e, no texto, funcionam como hiperônimos do termo João.
D) gradação descendente e, no texto, funcionam como sinônimos do termo João.

26. Analise o excerto abaixo.

> A dona pede ao marido não grite e ao filho não responda. João insiste, um pouco alegre, mas não bêbado. O moço não pode assim falar com o pai e chefe da casa:
> — Você é bandido? Quer me sangrar?

Considerando a heterogeneidade enunciativa, as vozes dos personagens

A) aparecem misturadas com a voz do narrador, não havendo uma delimitação clara entre elas.

B) aparecem sempre delimitadas da voz do narrador, por meio de elementos tipográficos.

C) são trazidas sob a forma exclusiva de discurso indireto.

D) são trazidas sob a forma exclusiva de discurso direto.

27. A partir da construção discursiva do texto, avalie as assertivas abaixo.

I. André constitui-se como sujeito a partir da identificação que mantém com o discurso de seu pai.

II. André constitui-se como sujeito a partir do distanciamento do comportamento de seu pai.

III. A ausência de falas da mãe e o seu comportamento em relação ao marido contribuem para a construção discursiva de uma mulher subserviente.

IV. André e João são vítimas das relações de poder, fruto de uma sociedade marcadamente machista.

V. A ausência de papeis bem definidos na família de André provoca a falta de laços afetivos e materiais que unem as pessoas.

Das afirmativas, estão corretas

A) I, III e IV.

B) II, III e IV.

C) apenas II e V.

D) apenas I e V.

28. Avalie o trecho a seguir.

> João cai do banquinho, geme, a mulher acuda. Pegam-no o filho e a dona, deitado na cama. — Ele me duvidou — diz o moço — eu atirei.

Nesse trecho, o modo como se utiliza

A) o pronome pessoal do caso reto “me” está em conformidade com o português falado padrão, mas é uma variante social que não está adequada ao falar do personagem.

B) o pronome pessoal oblíquo “me” está em conformidade com o português falado padrão e é uma variante estilística que está adequada ao falar do personagem.

C) o pronome pessoal oblíquo “me” afasta-se do português falado padrão, mas é uma variante social que está adequada ao falar do personagem.

D) o pronome pessoal do caso reto “me” afasta-se com o português falado padrão, mas é uma variante estilística que está adequada ao falar do personagem.

Para responder as questões 29 e 30, considere o exceto abaixo.

> Precisamos ser leitores. Deixou de ser uma opção qualquer. Precisamos ser leitores, sem pestanejar. Sem hesitar. Sem titubear. Talvez nunca tenha sido uma questão tão, tão, mas tão premente. Não há mais tempo para esperar o melhor tempo. Agora é uma questão de sobrevivência para todos nós. De vida ou de vida. A leitura salvará a sociedade. A leitura salvará o planeta. A leitura salvará o livro. A leitura é o sal da terra e a luz do mundo.
>
> Quem escreve tem incurável fascínio pelos leitores. Os escritores querem criar o seu leitorado, porque sabem que o leitorado lhe dará o único poder que um escritor merece ter: o voto de confiança em sua palavra.
>
> Há diferentes tipos de leitores. Ao definir o seu leitor, o escritor define o que irá fazer para que possa chamá-lo de “seu leitor”. Diga-me quem é o seu leitor, e eu lhe direi que tipo de escritor você é. E na outra direção também: diga-me que leitor você é, e eu lhe direi quais os escritores criaram você.

Educação. São Paulo: Segmento, n.251. set. 2018

29. Na perspectiva do autor, a leitura é uma atividade que

A) centraliza-se apenas no texto, bastando ao leitor reconhecer o sentido produzido pelas palavras e estruturas linguísticas.

B) centraliza-se apenas no autor e nas suas intenções, bastando ao leitor captar essas intenções e construir uma imagem do autor do texto.

C) possibilita, por meio do processo de interação leitor e texto, a captação e o reconhecimento das ideias centrais do texto.

D) possibilita, por meio de um processo de interação, a construção discursiva da imagem tanto do autor quanto do leitor de um texto.

30. No conjunto dos três parágrafos, o autor constrói um ponto de vista

A) salvífico, fazendo uso de paráfrase.

B) neutro, que é construído por meio do uso da conotação.

C) distópico, fazendo uso de paródia.

D) entusiasta, que é construído por meio do uso dos subentendidos.